

O Kibutz

O Vale de Bror Chail: Sua História

A 55 kms. a noroeste de Beer Sheva, bem sôbre o limite onde começam as terras do Neguev, e a 15 kms. a sudeste de Migdal-Ashkelon, está situado o vale de Bror Chail, uma larga planície de terra fértil. O *kibutz* ergue-se sôbre uma colina estratégica, ao norte do vale, a 800 metros da estrada; dêle se domina tanto as terras como a rodovia. A leste, a planície se limita logo numa alta elevação que fecha o panorama, o mar, situado a alguns quilómetros adiante. Mas no ocidente a vista se estende por suaves colinas, até às montanhas de Hebron e Judá. E nos dias claros, bem no nascente, divisa-se os montes de Jerusalém.

É uma paisagem calma, sem brusquidões, uma paisagem de terra fértil, que muda de côr em cada estação do ano, à medida que o crescimento dos campos se segue à sementeira, e a colheita dos frutos côr de ouro aos campos verdes. As chuvas, para a região, são muito boas: em média, caem 400 mm. por ano. Para o sul, em direção ao coração do Neguev, elas vão diminuindo cada vez mais. Nosso *kibutz* está num limite muito favorável: mais dois quilómetros, e a precipitação pluviométrica já diminua 100 mm.

Bror Chail é o primeiro *kibutz* do Shaar Haneguev, o Portão do Neguev; seus vizinhos do norte, Negba, famoso da guerra, e mais adiante Gat, situados ambos a uns vinte quilómetros de distância, pertencem já a Drom Iehudá (Judá Sul). Ao sul, a 5 kms., está Dorot, um dos veteranos da zona, *kibutz* de alemães, muito bem desenvolvido e organizado; a sueste Nir Am, a oito quilómetros, *kibutz* muito bonito, formado por rumanos e poloneses, situado já em cima da fronteira egípcia. A leste, a 5 kms, Eres, também em cima da fronteira egípcia, *kibutz* de seis anos, formado por veteranos da *Palmach*. 5 kms. a leste, pois, a fronteira com os egípcios, 25 quilómetros a oeste, a fronteira com os jordanos, ou melhor, as linhas de armistício, já que fronteiras elas ainda não são.

A oeste, fora uma aldeia cooperativa (*moshav*) nova, quase

ao nosso lado, não havia mais *kibutz* algum, e as terras se estendiam até Hebron, do lado ocupado pelos jordanos, a mais de 40 kms. Mas terras vazias, em Israel, não permanecem vazias por muito tempo. No ano passado lançou-se um grande plano de colonização de tôda a zona que se estende de Bror Chail até a linha jordana, e o lado oeste do *kibutz*, pois, até há pouco desocupado, está sendo preenchido por uma linha de 20 aldeias cooperativas e colônias coletivistas (*moshavim* e *kibutzim*), baluartes da nação tanto para a produção como para a defesa.

As terras do Vale de Bror Chail são históricamente conhecidas por sua fertilidade. Estendem-se por uma área de 70.000 dunams (dunam = 1000 m²); trabalhadas por *kibutzim* e *moshavim*. O único *kibutz* situado pròpriamente no vale é Bror Chail, que possui 5.000 dunams, entre terras de cultivo, intensivo e extensivo, o lugar onde está construída a colônia, e trechos arrendados. Ao lado de Bror Chail construíram-se acampamentos de diversos *kibutzim* do Neguev, que não possuem, ou suficientes terras aproveitáveis, ou água, e que receberam terras no vale. São Tzeilim, Kelta, Revivim, etc. Há ainda diversos *moshavim* pela proximidade.

O clima de Bror Chail é muito bom. O verão é quente, como em todo o país, mas a influência continental do Neguev e o vento que sopra do mar tornam-no sêco e fresco à noite. O inverno é menos inclemente que em outros lugares.

O NOME

A PESQUISA filológica da língua e a arqueológica da terra são os dois “hobbies” nacionais de Israel, e por sinal, “hobbies” bem sérios. BROR CHAIL, o nome e o lugar, fez já as delícias de mais de um pesquisador. Não aparece no *Tanach*, mas no *Talmud* é mencionado três ou quatro vezes, e dá margem a diversas interpretações.

“Bror Chail” significa, em *ivrit* antigo “acampamento de soldados” (*Livchor* — escolher, selecionar, *chayal* — soldado: escolher soldado — acampamento de soldados). De onde viera o nome? Conta o Talmud que em Bror Chail erguera Shimon bar Giora, um dos comandantes de Jerusalém na revolta contra os romanos no ano 70, que terminou com a destruição de Jerusalém e do Segundo Templo, um acampamento militar, para recrutar seu exército. Mas esta é

uma das explicações apenas para o nome, se bem que a mais autorizada. Há outra: existem e existiam também outras aldeias no país, com o nome Bror. Pospunha-se então ao primeiro nome mais um, para diferenciar entre os diversos lugares. *Chail*, em *ivrit*, significa também riqueza, formosura. E isto porque eram as filhas do lugar afamadas pela sua grande beleza, daí então o nome, Bror Chail.

Além disso, há um rico legendário de fatos ligados ao lugar. Aqui Rabi Iochanan ben Zacai, o famoso fariseu, discípulo de Hilel, instalara um seminário para a formação de *Rabanim* (mestres), nos tempos difíceis de após a destruição do Segundo Templo. Êste fato está citado também, no *Talmud*. Há outros fatos ligados a Bror Chail, já mais legendários: aqui teria nascido Sansão, juiz e herói; aqui casado o rei David. Aqui . . .

De qualquer forma, fôra Bror Chail um dos lugares, na antiguidade, onde as tradições judaicas haviam sido mantidas por mais tempo, após a destruição do Templo e a dispersão do povo, em tempos de opressão contra a religião hebraica, quando os ritos e hábitos tinham que ser cultivado em segredo. Assim, ao brilharem nas trevas da noite luzes em certos lugares de Bror Chail, sabia-se já que um filho, ou do povoado, ou trazido de fora, havia sido circuncidado. Aliás, esta tradição foi reavivada em nossos dias. Mas sôbre isso ainda falaremos.

AS RUÍNAS

FALAMOS hoje de Bror Chail como se o *kibutz* tivesse já dezenas de anos. Na verdade, os homens que lutaram para conquistar êste lugar, e que o conquistaram e mantiveram, nossos *chaverim*, nem envelheceram ainda.

Porque uma região fértil como esta planície não podia deixar de ser intensamente habitada. Há dois anos, eram ainda visíveis os restos da aldeia Brer (de Bror), destruída na guerra; era a principal do Neguev norte, o que significa, a maior povoação até Beer-Sheva, com excepção de Gaza, e habitada por 5.000 árabes. Ao sul, erguiam-se Sum-sum e Chirbet Marashan, aldeias menores. Pelas colinas perto, outras povoações menos importantes.

Os habitantes de Brer e das demais aldeias viviam em semi-es-

cravidão. A terra pertencia a uns 3 ou 4 “effendis” árabes que moravam em Gaza, e exploravam os camponeses segundo os melhores métodos antigos. Dez a doze seres humanos amontoavam-se em cubículos de barro, miseráveis e promíscuos. A terra da planície estava dividida em pequenos lotes, por meio de uma planta de raízes profundas, que no verão se ergue em altos talos, formando uma divisão natural. Cada qual trabalhava sua parte, com ferramentas primitivas. Quando vinha chuva, o grão brotava. Quando não vinha, ou havia pouca, então passava-se fome, tinha-se que emprestar grão dos senhores, endividar-se a ponto de nunca se conseguir livrar. A água para consumo da aldeia brotava de bolsões que se formavam no inverno e aguentavam o verão; apresentava-se como uma ou duas poças, das quais havia que usar com a máxima parcimônia.

Hoje, as ruínas vão desaparecendo lentamente, a terra as engole, são de barro. Mais um ou dois anos, uma aradura profunda para arrancar os cactus que cercam a aldeia, e tudo se transformará em terras de cultivo, como tôda a redondeza.